

**TÊNIS PARA CRIANÇAS: UMA ABORDAGEM CIENTÍFICO –
PEDAGÓGICA**

LÚDORF, Sílvia Maria Agatti ¹

RESUMO

Neste artigo são propostas reflexões acerca da ação do professor de tênis, especificamente voltado ao trabalho com crianças. Este profissional deve ser visto como um educador e não como mero transmissor de conhecimentos técnicos. Sua ação deve ser baseada em princípios críticos, pedagógicos e científicos, a fim de contribuir para o desenvolvimento integral da criança. O processo ensino-aprendizagem é abordado através de reflexões acerca da importância do professor, dos estágios de aprendizagem motora e da competição. Complementando, sugerimos que a aula apresente um enfoque direcionado à conscientização crítica, comportando espaços para a discussão dos valores e do papel que o esporte representa na sociedade.

Unitermos: tênis, aprendizagem motora, esporte, educação

ABSTRACT

**TENNIS FOR CHILDREN: A PEDAGOGIC SCIENTIFIC
CONCEPTION**

The purpose of this article is to address issues regarding the tennis instructor actions specifically related to the work with children. This professional should be acknowledged as an educator rather than as a technical information transmitter only. The tennis instructor's actions should be based on critical, pedagogical and scientific concepts. Some of these bases are presented in this article. In this way, we suggest that classes should be viewed as a set of opportunities of developing critical awareness and that child be recognized as being an important part of a development process, within a social context.

Uniterms: tennis, motor learning, sport, education.

¹(Profª. Assistente do Departamento de Ginástica, UFRJ) End.: Departamento de Ginástica - Escola de Educação Física e Desportos. Av. Brigadeiro Trompovsky, sem n.º CEP: 21940-610 Cidade Universitária - Ilha do Fundão / Rio de Janeiro - RJ. Tel.: (021)5626800 E-mail: sagatti@nio.com.br

INTRODUÇÃO

Observa-se atualmente um interesse crescente em relação ao Tênis (modalidade esportiva de Tênis de Campo), seja em virtude do aumento de locais disponíveis para sua prática, seja pelo espaço cada vez maior dedicado pela mídia a essa atividade. A diversidade de materiais para crianças e a utilização de locais alternativos também vêm favorecendo a iniciação e, conseqüentemente, a popularização deste esporte.

Amplia-se, portanto, o mercado do profissional de Educação Física que pode trabalhar com o ensino básico do Tênis não apenas nos clubes e academias como ocorria até pouco tempo atrás. A quadra de dimensões oficiais e a aula tradicionalmente individualizada não se constituem mais em requisitos fundamentais para a prática elementar deste esporte.

Novas metodologias e a criatividade na utilização de materiais permitem que o ensino possa ser realizado em grupo, nos espaços disponíveis (escolas, comunidades, condomínios etc.), fazendo-se algumas adaptações. Esta tendência foi detectada em congresso, no qual foram discutidas as atividades físicas na perspectiva da passagem para o terceiro milênio: "a prática do Tênis de campo pode se tornar uma atividade curricular na Educação Física escolar, diante da possibilidade de utilização de material alternativo de baixo custo." (Araújo, 1992, p.130)

Desde que a prática do Tênis seja regular e feita sob orientação adequada, benefícios de ordem física, cognitiva, psicológica, social etc., podem ser alcançados. No entanto, este ensino nem sempre está a cargo de profissionais habilitados, o que diminui as oportunidades de um amplo desenvolvimento da criança.

O presente ensaio visa trazer contribuições para quem se dedica à esta área de trabalho. Serão propostas reflexões acerca do papel do professor de Tênis, que, no nosso ponto de vista, deve ser visto como um educador. Além disso, pretende-se fornecer algumas bases científico-pedagógicas para o ensino do Tênis infantil. Especificamente, serão abordados os estágios de aprendizagem motora aplicados à modalidade esportiva focalizada e algumas considerações sobre a competição e seus princípios. Por fim, apresentaremos uma discussão teórica acerca da importância de uma visão crítica sobre o esporte, bem como sugestões de integrá-la à prática do ensino do Tênis.

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO TÊNIS - A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR

A criança, vista a partir de uma ótica desenvolvimentista (Gallahue, 1989), em sua constante interação com o ambiente (formal ou informal), desenvolve inicialmente as habilidades motoras fundamentais. Posteriormente, passa a refiná-las e a combiná-las para produzir gestos específicos a determinadas modalidades esportivas como, por exemplo, ocorre no Tênis.

A aprendizagem destas habilidades envolve diversos domínios do comportamento humano como o cognitivo, o afetivo-social e o motor, além de aspectos neuro-fisiológicos (Magill, 1993).

Vários autores, entre os quais Haywood (1993), Corbin (1980), Gallahue (op.cit.) e Schmidt (1992), enfatizam a importância do ambiente de aprendizagem e da atuação do professor como elementos-chaves no desenvolvimento motor da criança.

A qualidade e a amplitude do trabalho a ser realizado, entretanto, depende do suporte teórico do profissional atuante, o qual deve ultrapassar uma visão que poderia ser chamada de tecnicista. Outrossim, deve pautar-se por uma perspectiva crítica, buscando contextualizar a prática e discuti-la à luz dos valores sociais. Neste sentido, o ensino do Tênis passa a ser visto de maneira mais ampla, não só como um fim em si mesmo (o aprendizado do esporte), mas também como um meio de educar e de desenvolver a criança de forma integral, inserida na sociedade.

Conforme mencionado anteriormente, a estruturação adequada de um programa de ensino do Tênis proporciona uma série de benefícios. No tocante ao aspecto físico, normalmente as crianças apresentam um considerável desenvolvimento das capacidades e habilidades motoras, devido à grande variabilidade de movimentos e de deslocamentos, exigidos na prática do esporte.

Quanto ao aspecto cognitivo, encontramos um espaço privilegiado para o aprimoramento do processamento de informações (Magill, 1984) e demais capacidades intelectivas como raciocínio, criatividade e memória, em virtude das características inerentes ao Tênis, tais como: diversidade de adversários, oportunidades para a criação de jogadas, escolha quanto à técnica e tática mais adequada, variações do tipo de piso utilizado e de outras condições que estão em constante modificação, o que exige a intervenção de variados processos cognitivos para se chegar à solução mais adequada.

Fatores psicológicos são também importantes para o bom desempenho do jogador de Tênis. A concentração e o controle dos diversos elementos de interferência como torcida, postura do adversário, local e condições de jogo, por exemplo, são fundamentais na sua prática e dependem basicamente do estado emocional do jogador. Estes e outros aspectos são amplamente discutidos pelos

especialistas da área de Psicologia dos Esportes, como por exemplo, por Singer (1977) e Cratty (1984).

Em relação ao aspecto social, o Tênis proporciona situações favoráveis à sociabilização e à convivência em grupo, elementos essenciais para o desenvolvimento da criança, como mencionado por Corbin (1980) e Haywood (1993).

Dependendo das bases teóricas do professor e de seus procedimentos de ensino, a aula pode também comportar brechas para o despertar da capacidade crítica em relação à sociedade e a seus valores (Lüdorf, 1995). Neste sentido, a Educação Física e o Esporte deveriam ser vistos como uma prática social, cultural e historicamente construída.

Para que a criança venha a usufruir destes benefícios que a prática do Tênis pode proporcionar, é necessário que sua orientação seja feita por profissionais que, além de preparados, tenham consciência de seu papel de educador. Não basta que o professor seja um bom jogador ou possua conhecimentos meramente técnicos. É preciso ir além e estar ciente das diversas facetas que estão presentes no processo de formação e desenvolvimento da criança, incluindo a contextualização social.

Sérgio (1974) aborda esta questão de modo muito pertinente:

"[...]o treinador) promove a especialização, motiva o recorde, controla o rendimento, dedica-se aos superdotados, põe de lado a iniciação; o educador dirige-se a todos, superdotados ou não, cria situações que estimulam o aluno a optar pela sua própria emancipação, fornece técnicas que abrem o educando ao domínio de si mesmo e uma mais perfeita compreensão do homem, da sociedade, da história. (p.163)

Como se vê, segundo o autor, o treinador está preocupado com a especialização do movimento, com o adestramento, enquanto o educador busca a sua universalização, o trabalho de base e a visão de totalidade. Ainda conforme Sérgio (op.cit.), esta dicotomia não deve estar presente no profissional de Educação Física, pois este deve possuir domínio da técnica e da tática sem, contudo, esquecer o lado social e pedagógico. O autor complementa:

"Educadores e treinadores completam-se, desde que nuns e noutros se encontrem as intencionalidades, os objetivos e os fins que o homem de hoje precisa; desde que os educadores não busquem uma totalidade sem técnica e os treinadores não exagerem na técnica sem totalidade."(p.165)

A partir desta colocação e de outros autores (Coletivo de Autores, 1992), o esporte, como um dos conteúdos da Educação Física, contribui fundamentalmente para o desenvolvimento da criança e, conseqüentemente, para o seu processo educativo. Das considerações precedentes, pode-se inferir a importância da formação deste profissional. Segundo Feio (1979):

“O desenvolvimento da aptidão do desportista para além de suas potencialidades biológicas implica toda uma ação educativa invisível, isto é, que respeita a fenômenos sociais, higiênicos e psicológicos dificilmente mensuráveis, incluindo a sua preparação ideológica, pedagógica e política.” (p. 68)

Embora seja importante que o professor de Tênis possua vivência no esporte e tenha conhecimento da técnica, sua prática não deve contemplar exclusivamente estes aspectos. Suas ações devem ser pautadas por bases crítico-científicas e pedagógicas, as quais fornecem suporte para um ensino de boa qualidade.

Neste sentido, teceremos alguns comentários relacionados a aspectos fundamentais da aprendizagem motora, que inclui, obviamente, a prática do Tênis. Serão também sugeridas indicações práticas, em sintonia com a postura que ora defendemos, qual seja, a do profissional educador.

ESTÁGIOS DE APRENDIZAGEM MOTORA (Modelos e aplicação ao Tênis)

O processo de aprendizagem de habilidades motoras, de uma forma geral, evolui segundo estágios característicos. Embora haja variações quanto ao enfoque dado pelos diferentes autores, a literatura especializada sugere alguns modelos desta seqüência. A seguir, serão apresentadas três destas classificações. Para que o conteúdo teórico seja adequado ao Tênis, primeiramente será feito um resumo do aspecto teórico e, a seguir, serão incluídas observações e exemplos no item Aplicação ao Tênis.

Fitts e Posner

Estes autores sugeriram o modelo que é, talvez, o mais utilizado na literatura especializada. Neste, são descritos três estágios (Magill, 1984; Schmidt, 1993) que serão explicados a seguir:

1º) *Estágio Cognitivo*: Este estágio é caracterizado pela predominância dos processos cognitivos e está relacionado aos primeiros contatos com a nova tarefa a ser executada. Gradativamente, o indivíduo começa a formar uma idéia do que

deve ser realizado. Em virtude da novidade da ação, há uma grande quantidade de informações a serem assimiladas, o que ocorre de modo gradativo. A assimilação é um processo que requer tempo, dedicação e prática. É natural, portanto, que as performances iniciais sejam hesitantes, irregulares, e demandem alto nível de atenção.

Aplicação ao Tênis: As tentativas iniciais dos golpes são inconstantes e apresentam diversos erros. O aluno passa a lidar com uma situação nova, qual seja, a de possuir uma extensão do braço, a raquete, para rebater a bola. Como não consegue prever com exatidão a distância ideal para executar a batida, sua movimentação também é deficiente. Neste estágio, principalmente, o professor deve ter cuidado para não se exceder na quantidade de observações, procurando dar ênfase às explicações de caráter geral. Deve, também, utilizar linguagem acessível, para não confundir o aluno. A utilização de materiais diversificados como raquetes ou bolas mais leves, estas podendo ser de tamanhos, cores e texturas diferentes (espuma, meia etc.), além de cones, alvos, cordas, dentre outros, além de motivar, servem para proporcionar maior sensibilidade e diversidade de experiência ao iniciante.

2º) *Estágio Associativo:* Como consequência da evolução natural da aprendizagem motora, o indivíduo, neste estágio, já possui traços perceptivos armazenados, o que lhe permite fazer associações. Passa, também, a desenvolver os mecanismos de detecção e correção de erros, que são fundamentais para a melhoria qualitativa da ação. O movimento é mais harmonioso e consistente, demandando menos atenção para a sua execução. A atenção passa, então, a ser direcionada para a organização de um padrão motor mais eficiente.

Aplicação ao Tênis: O aluno apresenta sensível melhora na percepção, que significa a interpretação dos estímulos ambientais e sensoriais (Magill, 1984), permitindo-lhe executar os golpes de fundo e de rede com maior fluidez. Quando erra, faz associações com o modelo correto, o que lhe possibilita ter idéia do que deve ser corrigido. A movimentação, por sua vez, ganha a especificidade do esporte e aprimora-se, gerando economia de energia e, portanto, eficiência. Uma mudança de empunhadura, que antes era feita com dificuldade e demandava atenção, é realizada quase que intuitivamente. O professor, neste estágio, pode dar explicações mais detalhadas em busca do refinamento da técnica. Embora a repetição seja um recurso para a fixação do movimento, não há necessidade da mesma ser enfadonha e mecânica. O mesmo movimento pode ser trabalhado de várias formas, como: simulação de diversas situações práticas, estabelecimento de objetivos (alvos ou um determinado número de pontos), utilização de jogos com regras diferenciadas etc. A competição pode ser trabalhada de modo a estimular a cooperação, a criatividade e as tomadas de decisão por parte da criança.

3º) *Estágio Autônomo:* A característica principal deste estágio é a automatização do movimento. A ação é realizada sem problemas, assim que for

exigida, pois os procedimentos já estão incorporados a nível cognitivo e fisiológico. Demanda pouca atenção, a qual fica liberada para outros eventos como estilo, tática, modificações ambientais etc. O indivíduo demonstra domínio e autoconfiança na execução da tarefa, apresentando alto grau de refinamento, constância e eficiência.

Aplicação ao Tênis: Neste estágio, o aluno possui maior controle do ambiente que o envolve, bem como dos elementos técnicos. Este fato acarretará um aprimoramento na qualidade dos golpes (variação de colocação, efeitos diversos, estilo de jogo etc.) e na quantidade (ampliação do acervo motor). Além disso, terá condições de analisar com mais cuidado a parte tática, incluindo os pontos fortes e fracos do adversário e estratégias individualizadas, pois terá mais parâmetros de referência. A aula deve, então, contemplar não apenas aspectos práticos, mas também teóricos, que levem o aluno a refletir sobre a melhor forma de agir nas variadas situações. Os recursos lúdicos anteriormente comentados, entretanto, não devem ser deixados de lado. O treinamento massificante pode acarretar diminuição da motivação e, até mesmo, desinteresse. Pedir sugestões aos próprios alunos normalmente torna-se uma fonte rica de atividades, além de aumentar o comprometimento dos mesmos para com a aula.

Gentile

A autora apresenta uma classificação em dois níveis (Rose, 1997), levando em consideração o ambiente no qual a habilidade vai ser executada.

1^o) *Estágio da aquisição da idéia do movimento:* Como o próprio nome diz, é o primeiro passo na aprendizagem, onde o aluno compreende o movimento de uma forma geral. Em relação ao tênis, o aluno tem contato com as características básicas e as diferenciações entre os principais golpes.

2^o) *Estágio da fixação/diversificação do movimento:* Neste estágio, a autora enfatiza a natureza do ambiente. No caso de um ambiente estável, que não apresenta variações, como no caso dos saltos ornamentais, por exemplo, a preocupação é com a fixação do padrão de movimento a ser executado. Para tanto, é necessária a repetição do mesmo até que seja alcançado um nível ótimo.

Entretanto, se o ambiente for instável ou, especificamente, uma habilidade aberta, como o Tênis, o direcionamento do trabalho é feito de forma diferenciada. Devido às variações quanto ao adversário, tipos de quadra, localização da bola etc., o objetivo passa a ser buscar a maior diversificação de padrões de movimentos para que possam ser utilizados com eficiência durante uma partida, ou treinamento.

Aplicação ao Tênis: Assim que o aluno tiver idéia dos movimentos básicos, é importante colocá-lo em situações de jogo, com o professor e, principalmente, com os colegas. Desta forma, o aprendiz terá oportunidade de exercitar

o que já aprendeu e criar alternativas para resolver os problemas que surgem. Para tal, podem ser utilizados recursos como jogos pré-desportivos ou mesmo o jogo em si, de maneira recreativa e motivante conforme tratado anteriormente.

Bernstein

Outra perspectiva que merece ser mencionada é a de Bernstein (Vereijken et alii, 1992 e Rose, op. cit.), que está baseada no controle dos graus de liberdade. Segundo este autor, a tarefa básica da coordenação do movimento passa a ser o controle dos graus de liberdade redundantes, para que estes não prejudiquem o movimento. Destacam-se três estágios:

1^o) *Estágio iniciante*: o indivíduo inibe os movimentos de algumas articulações para poder controlar a ação; a performance é rígida e em bloco.

2^o) *Estágio avançado*: ocorre uma liberação gradual dos graus de liberdade, o que permite uma execução do movimento de forma mais fluente e sincronizada. Neste estágio, há a formação das estruturas coordenativas, as quais seriam unidades funcionais que agiriam independente de um comando superior, facilitando o controle da ação.

3^o) *Estágio de expertise*: é caracterizado pelo controle adequado e independente das articulações, bem como pela exploração das forças ambientais, o que leva ao refinamento da técnica, eficiência e, conseqüentemente, à economia de energia.

Aplicação ao Tênis: Esta seqüência é possível de ser observada no aprendizado deste esporte. Devido à falta de controle independente dos graus de liberdade, os principiantes apresentam um movimento rudimentar, a princípio, enrijecido. Além disso, o nível inicial baixo de coordenação gera tensão muscular excessiva em alguns pontos como no punho, ombros, etc., produzindo ações pouco naturais. Através do treinamento, entretanto, observa-se um controle maior por parte das articulações envolvidas, que se reflete diretamente na excelência do movimento.

Como conclusão geral, julga-se que o conhecimento destas fases é imprescindível ao professor, já que facilitaria a programação de atividades e a estruturação do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Teixeira (1990), as informações acerca do estágio em que o aluno se encontra são de grande utilidade para orientar os procedimentos pedagógicos pois fornecem dicas para a manipulação das variáveis de ensino. Desta forma, a aprendizagem levaria em conta as características do aprendiz, buscando desenvolver seu potencial de forma adequada.

Além de conhecer os estágios, é importante saber que o processo de aprendizagem é individualizado, pois cada criança possui seu próprio ritmo e personalidade, devendo-se respeitar seu nível de desenvolvimento motor, suas

possibilidades e seus limites. Assim, o mesmo conteúdo deve ser abordado de forma metodologicamente diferenciada, de acordo com a faixa etária e nível técnico a que se destina.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMPETIÇÃO

O Tênis, como qualquer outro esporte, envolve competição, a qual pode ser um elemento bastante motivador quando bem direcionada. Levando-se em conta a sua especificidade, uma das principais características do Tênis é justamente a individualidade. Ou seja, é um esporte predominantemente individual, embora exista a modalidade de duplas.

Assim sendo, a atuação do jogador dependerá do estado físico, técnico e emocional do jogador, além de uma orientação adequada por parte do instrutor. A criança, neste caso, deve apresentar um controle mínimo da situação como um todo: domínio da técnica e da tática, capacidade de concentração, comportamento ético, saber lidar com pressões da torcida, dos adversários e até dos próprios pais (Lüdorf, 1995).

Desta forma, a competição envolve uma série de fatores que devem ser bem administrados para que não haja uma sobrecarga emocional na criança. Segundo Cagigal, “A melhor herança que um pai pode deixar a seu filho ou um educador a seu aluno, é a firmeza de se aspirar o triunfo e a capacidade de se assimilar a derrota.” (1972, p.73)

Cabe a nós, educadores, portanto, definir como trabalhar a estratégia da competição, de modo a utilizá-la como elemento motivacional e como um dos meios de se promover a formação da criança. Neste sentido, dever-se-ia enfatizar a sociabilização e a importância do comportamento ético no processo competitivo. A este respeito, concordamos com Sérgio (1990):

“O espírito desportivo [...] deve [...] indicar um caminho de superação, onde o Homem possa lançar-se na busca de novos possíveis e de finalidades mais humanas; deve apontar para espaços de liberdade e responsabilidade, pondo em relevo os grandes valores que abrangem a vida toda e lhe conferem sentido e finalidade; [...].” (p.205)

Muitas vezes, as crianças protagonizam atitudes anti-desportivas quando são submetidas a situações de desafio e confronto. Nestes casos, a origem destas ações pode estar na inculcação da idéia, por parte dos técnicos ou dos pais (ou ainda da mídia), de que o importante é vencer, a qualquer preço. Entretanto, a perspectiva

exageradamente competitiva pode ser nociva à criança, pois diante de sucessivas derrotas, seu interesse pelo esporte pode ser afetado. A esse respeito, Cratty (1984) diz que: *“As tensões da competição, os prêmios e castigos constantes terão um efeito mortal que resulta numa diminuição da motivação a nível tal que se impõe a retirada da criança da competição, antes que atinja um nível ótimo de desempenho.”* (p. 149)

Na perspectiva de educador, o conceito de competição pode e deve ser trabalhado desde cedo. Deve-se valorizar o processo, estimular a participação e a ajuda mútua e não deter-se somente aos resultados.

AULA DE TÊNIS: ESPAÇO PARA TEORIA?

Para finalizar, serão discutidos aqui, alguns aspectos voltados ao papel do esporte na educação. Longe de esgotar este tema, serão apresentadas algumas sugestões com o intuito de colaborar no sentido de uma perspectiva crítica. Espera-se, assim, que a postura ora defendida possa ser complementada e melhor compreendida.

Além dos elementos anteriormente discutidos, a aula de Tênis pode constituir-se em importante oportunidade para discussão dos valores do esporte em geral e para despertar a capacidade crítica e a conscientização de cada aluno.

Dentro de uma visão histórico-crítica da Educação Física, os esportes devem ser aprendidos a partir de uma perspectiva que leve em consideração aspectos sociais e históricos. Para a consecução destes objetivos, é fundamental que o professor crie oportunidades, inclusive valendo-se de aulas teóricas (ou um momento da aula), para análises e discussões de temas que impeçam a criação de uma visão exclusivamente tecnicista. Entre estes temas serão sugeridos de modo resumido, a seguir, alguns pontos-chaves que poderiam ser objetos de discussão e de desenvolvimentos posteriores.

a) A história do Tênis:

Dentre os diversos argumentos relacionados à importância do estudo da história, destacam-se o aprendizado com as vivências anteriores, assim como a melhor compreensão do presente, à luz do passado. Exemplificando, o fenômeno esportivo tal qual hoje se apresenta, é resultado de uma evolução ao longo dos anos, que acompanhou o desenvolvimento da sociedade em todas as suas vertentes. Sendo parte integrante da mesma, sofreu suas influências e efeitos que marcadamente o caracterizam.

Neste sentido, o Tênis, enquanto esporte, deve ser contextualizado historicamente, através da recuperação de suas raízes e da análise do seu desenvolvimento.

Desta forma, é possível obter mais subsídios para compreender de que forma o processo histórico repercute no Tênis e o caracteriza atualmente.

b) A elitização e a popularização do esporte:

O Tênis é ainda considerado um esporte elitista, embora haja várias iniciativas de se popularizá-lo. A própria reformulação dos seu ensino básico através de materiais alternativos, como foi mencionado introdutoriamente, é uma destas tentativas. Há trabalhos isolados e, também, parcerizados com a Confederação Brasileira de Tênis, cujo objetivo é levar o aprendizado às escolas públicas. Aliás, este universo constitui-se em ambiente propício para a operacionalização da presente proposta, através da atuação do professor de Educação Física.

A sua aula poderia contemplar discussões sobre o acesso ao Tênis. Afinal, quem tem condições de praticá-lo atualmente? Por que? Esta “elitização” seria resultado de seu caminho histórico?

Assim, a própria iniciativa de popularização, ou a simples prática, forneceria substrato para o questionamento dos valores e das influências que permeiam o esporte, especificamente, o Tênis.

c) O profissionalismo:

Em pesquisa desenvolvida pela autora (Lüdorf, 1995) com crianças praticantes de esporte e respectivos pais, observou-se que o profissionalismo foi significativamente mencionado. Pelos filhos, quando manifestavam o desejo de tornarem-se atletas profissionais. Pelos pais, quando apoiavam e incentivavam esta idéia.

Interessante foi notar a inversão de valores, no sentido de que o estudo, antes considerado o aspecto mais importante da formação, por vezes, fosse relegado a segundo plano se comparado à carreira no esporte. Entretanto, esta pretensa recompensa financeira e pessoal advinda do sucesso deve ser analisada criticamente. Diante de inúmeros praticantes, quantos chegam à fama e ao dinheiro?

Não há dúvida de que o esporte é uma das maneiras de se ascender socialmente, mas não é prudente generalizar o que ocorre com uma minoria. Discernir estes aspectos e discuti-los é papel também do professor de Educação Física.

Neste sentido, questões como: o entendimento do esporte como profissão; o mercado do esporte e suas conseqüências (atleta como mercadoria); vantagens e desvantagens do caminho profissional, entre outras, devem ter espaço na perspectiva aqui desenvolvida.

d) A ética esportiva:

A ética e seus princípios vêm sendo discutidos desde a Antigüidade, por exemplo, por Platão (Gaarder, 1995) e seu estudo não perde a contemporaneidade, dado o dinamismo intrínseco ao conceito. Seu caráter dinâmico está relacionada aos valores e costumes da sociedade, sendo sensível, portanto, às suas transformações e

às diferentes abordagens.

Em relação à ética esportiva, mencionada por Tubino (1992) e oportunamente desenvolvida por Sérgio (1990), muito há que ser trabalhado junto ao ensino do Tênis. Embora o conteúdo e a profundidade da análise deste conceito possam abarcar infindáveis discussões filosóficas, não é este o objetivo. Outrossim, pretende-se, em uma linguagem simples, levantar questionamentos quanto aos valores éticos e morais inerentes ao esporte. Especificamente, debater acerca da postura do técnico, do atleta, dos pais e até mesmo da torcida, no meio competitivo. A partir de discussões sobre exemplos divulgados pela mídia ou de situações do cotidiano, pode-se propor o delineamento de uma conduta esportiva e de um comportamento ético na quadra (e fora dela).

e) O companheirismo na aprendizagem:

Partindo-se do princípio de que a aula de Tênis será realizada em grupos, como vem sendo proposto, já está criado, por si só, um núcleo bastante proveitoso para a abordagem deste tema. A importância do companheiro na aprendizagem deve ser valorizada pelo professor, ao procurar criar oportunidades para desenvolver este sentimento dentro do conjunto. Desta forma, a ênfase deve recair nas críticas construtivas, na necessidade de se trabalhar em equipe e nos progressos coletivos.

f) A função social do esporte:

Os temas que vêm sendo sugeridos aqui interpenetram-se e relacionam-se entre si. A função social do esporte, como não poderia deixar de ser, permeia os pontos aos quais nos dispusemos a desenvolver. Entretanto, faz-se necessário compreender os diferentes usos que são feitos do esporte, enquanto instituição político-social. Bracht (1992) apresenta questionamentos interessantes nesta área e que podem ser aproveitados como elementos de discussão acerca da função e do papel do esporte na sociedade.

g) A influência da mídia:

Procura-se aqui, ao abordar a influência da mídia, desmistificá-la.

Conforme mencionado, por exemplo em relação ao profissionalismo, cabe ao professor de Educação Física trabalhar elementos que levem à conscientização crítica acerca do papel que a mídia exerce na divulgação do esporte. Esta discussão perpassa, entre outras tantas abordagens, a ideologia do rendimento e do lucro, bem como a criação e destruição de mitos. Estes, nem sempre bons exemplos, mas que são vistos como modelos a serem seguidos pelas crianças. Daí a importância de oferecer a oportunidade de desmistificar as informações que são assimiladas sem um filtro crítico.

Elencamos apenas alguns tópicos, que, ao nosso ver, são fundamentais para o delineamento de uma proposta de ensino de Tênis com enfoque diferenciado ao qual nos propomos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando, pode-se dizer que uma aula de Tênis envolve fatores muito mais complexos do que o simples bater e rebater de bolas.

No presente ensaio, procurou-se agregar diversos aspectos científico-pedagógicos, na tentativa de contribuir para uma visão mais ampla sobre o ensino do Tênis.

Inicialmente, foi enfatizada a importância do professor no processo ensino-aprendizagem, pois acreditamos ser este o elemento-chave para a execução da perspectiva que defendemos. A seguir, discorremos sobre os estágios de aprendizagem motora, exemplificando como as diferentes classificações se aplicam ao Tênis. Com isto, intentamos fornecer uma base científica para o enriquecimento da prática diária, nem sempre afeita à este detalhamento.

Buscamos, entretanto, a idealização de um ensino que contemple aspectos técnicos, mas que à estes não se restrinja. Neste sentido, procuramos fornecer elementos pedagógicos relacionados à competição que possam contribuir para a educação através do esporte. Por último, e de modo a abranger e complementar todos os comentários feitos anteriormente, propomos que a aula de Tênis seja uma oportunidade, também, para abordagens teóricas. Delineamos, de modo exemplificativo, alguns temas merecedores de especial atenção, a partir da nossa concepção.

Obviamente, não se trata de desenvolver debates exaustivos sobre os aspectos teóricos. O professor deve utilizar-se do bom senso e da criatividade no trato destas questões, especialmente porque estamos nos referindo ao processo formativo de crianças. Mas que isto não seja um entrave para a discussão das questões propostas e, sim, um desafio à adaptação de uma linguagem acessível ao público infantil.

Concluimos, diante do exposto, que o Tênis é um meio de educar, de desenvolver as potencialidades do ser humano e de auxiliá-lo em sua formação. De um lado, o profissional deve ter o domínio da técnica. Simultânea e fundamentalmente, porém, ele deve conhecer a amplitude de seu trabalho de modo a realizá-lo de forma consciente, buscando o desenvolvimento da criança enquanto ser social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Denise S.M.S. **Uma visão das atividades físicas na passagem para o terceiro milênio**. In: FARIAS JR. A.G. & FARINATTI P.T. (org.) Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física: livro do ano 1991/SBDEF. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CAGIGAL, José M. **Deporte, pulso de nuestro tiempo**. Madrid, Ed. Nacional, 1972.
- _____. **Cultura intelectual y cultura física**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1979.
- _____. **Oh Deporte! Anatomia de un gigante**. Espanha: Editorial Miñon, 1981.
- CORBIN, Charles. B. **A textbook of motor development**. Iowa: Wm. C. Brown Company Publishers, 1980.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CRATTY, Bryant J. **Psicologia no esporte**. Rio de Janeiro: Prentice- Hall do Brasil, 1984.
- FEIO, Noronha. **Desporto e política - ensaios para sua compreensão**. Lisboa: Compendium, 1979.
- FREIRE, João B. Esporte não é droga? **Artus-Rev. E.F. e Desp.** (Proceedings Anais; Uma visão das atividades físicas na passagem para o terceiro milênio), anoXVI, n.º 24, 1993.
- GALLAHUE, David L. **Understanding motor development: infants, children and adolescents**. Carmel: Benchmark, 1989.
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia – romance da história da filosofia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- KINESIS, Santa Maria, n.21, 1999.

HAYWOOD, Kathleen. **Life span motor development**. USA: Human Kinetics Publishers, 1993.

LUDORF, Sílvia M. Agatti. **Representações Sociais do Esporte: Um estudo com pais**. Fortaleza, 1995. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará.

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem Motora: Conceitos e aplicações**. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 1984.

_____. **Motor Learning: concepts and applications**. USA: Brown & Benchmark, 1993.

MEINEL, Kurt. **Motricidade I: Teoria da Motricidade Esportiva sob o aspecto pedagógico**, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

ROSE, Debra J. **A multilevel approach to the study of Motor Control and Learning**. USA: Allyn & Bacon, 1997.

SCHMIDT, Richard A. **Motor control and learning**. Illinois: Human Kinetics Publishers, 1982.

SÉRGIO, Manuel. **Para uma nova dimensão do desporto**. Lisboa: Gráfica Imperial, 1974.

_____. "O espírito desportivo: uma questão de ética". **Rev. Bras. de Ciências do esporte**, 11 (3), 1990.

SINGER, Robert N. **Psicologia dos esportes: mitos e verdades**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

SOARES, Carmen L. "Fundamentos da Educação Física escolar". **Rev. Bras. de Estudos Pedagógicos**, Brasília 71(167), p. 51-68, jan-fev/1990.

TANI, Go et alii. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

KINESIS, Santa Maria, n.21, 1999.

TEIXEIRA, Luiz A. Estágios de aprendizagem motora e o processo de interação professor-aluno. **Kinesis**, 6(1), p. 23-42, jan-jun/1990.

TUBINO, Manoel G. "Olimpismo ajuda a ética esportiva" . **Revista Olímpica Brasileira**, ano I, vol. 1, n.º 1, jul/92.